

Capítulo 21

REVISITANDO MEMÓRIAS, IDENTIFICANDO TRAJETÓRIA

Silvia Cristina da Costa Lobato



“...minha presença no mundo, com o mundo e com o outros implica o meu conhecimento inteiro de mim mesmo. E quanto melhor me conheça nesta inteireza tanto mais possibilidades terei de, fazendo história, me saber sendo por ela refeito”

(FREIRE, 1997, p. 72)



Nas memórias privilegiadas, nas quais se misturam pessoas, lugares e fatos, destaco meu processo de formação como um caminho inacabado pelo qual sou hoje quem sou: professora que deseja - com suas dificuldades e tentativas - fazer alguma diferença, contribuir com a educação do nosso País através da formação de pessoas cidadãs, no exercício de sua autonomia. O ensaio narrativo aqui apresentado busca a retomada de caminho não concluído, mas que reúne significativas experiências marcantes de minha vida de professora.

Segundo Nóvoa (2013, p.16) as narrativas, revelam a construção de um “processo identitário” enquanto “um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças”.

Ainda com o referido autor, esse processo é condicionado pela busca da autonomia e relaciona-se diretamente com a construção de quem somos como pessoas, pois “ é impossível separar o eu pessoal do eu profissional” (NÓVOA, 2013, p 17).

Diante dessa busca, que na verdade, é um desejo de superação, inicio meu caminho de rememorar, reviver para que possa visualizar, ou pelo menos vislumbrar sobre o que virei a ser a partir do que hoje sou. Soares (2001, p.37), sobre tal empreendimento, assinala: “Procuro-me no passado e outrem me vejo; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora”

Desta forma, através de minhas memórias e buscando dar um novo sentido ao presente vivido, em meus escritos, considero o processo formativo vivenciado não somente nos espaços escolares e universitário, mas também nas situações de aprendizagem advindas do exercício da profissão que possibilitaram novas sínteses teóricas na articulação com a prática, dando-me suporte às mudanças que hoje busco implementar (STEBAN; ZACCUR,2002).

Inicio, portanto, com o medo que me instiga coragem em desnudar, tri-lhar...Vejam, já vislumbro o início do caminho que passo a revelar a seguir!

VIVER É APRENDER E DESCOBRIR O MUNDO

Para contar o início de tudo, busco um tempo remoto, quando morava em uma vila bem próxima ao rio Guamá, aqui mesmo em Belém. Meus pés, sempre correndo e buscando caminhos dos sonhos de menina, também mergulhavam nas águas das enchentes constantes provocadas pela maré alta dos meses de maio ou quando a chuva molhava abundantemente nosso solo tão pobre, mas sagrado.

Vivia em meio as “onze-horas”, florzinhas bem vermelhas que nasciam espontaneamente no quintal encharcado. Além de enfeitar os cabelos, espremia as flores até produzir uma tinta forte, cor de sangue e com ela tingia brinquedos, pele, roupas, parede e tudo que encontrasse pela frente. Adorava os gatos que passeavam pelo telhado das casas e fazia-os de bonecos, brinquedos vivos e muito queridos. Foram meus companheiros e testemunhas das dores e alegrias ao longo da vida.

Com o passar do tempo mudei para uma casa maior que tinha um quintal enorme. Criávamos gatos, porcos, patos e galinhas. Amava estar no meio dos animais e minha mãe, que era professora, dava aulas completas sobre como cuidar dos bichos e de suas crias. Aprendia observando, ajudando e vivendo em um pequeno universo só meu e, claro, das filhas das vizinhas que disparavam pulando por cima da cerca: curiosas, ávidas em também aprender.

Minha mãe trabalhava de dia e estudava à noite. Ficávamos, eu e meus irmãos, com uma moça chamada Antônia, grande contadora de histórias. Todas as noites ouvia histórias fantásticas de assombrações, visagens e contos de fadas brilhantemente adaptados aos costumes do interior. Essas histórias, conto até hoje para meus alunos. Eles também ficam encantados, curiosos e fazem a maior festa nas rodas de histórias. Antônia deixou marcas tão fortes em tudo o que sou hoje, que sempre fico emocionada quando relembro esse tempo de minha infância.

Das histórias que ouvia, passei para os livros que também contavam narrativas fantásticas. A experiência de ler trouxe extrema liberdade às minhas buscas: não precisaria mais depender somente dos outros para aprender, pois os livros passaram a ser meus aliados.

Ouvir e contar histórias são ações que andam de mãos dadas com a magia, com o encantamento e a imaginação. As histórias embalam os sonhos, falam de lugares fantásticos e projetam esperanças, desejos de realizações e trazem, acima de tudo, magia para a vida e uma relação de encantamento e cumplicidade entre quem conta e quem escuta as histórias (SANTANA, 2015 p 79).

Através das histórias e da leitura, passei a interagir com outras pessoas, ampliando meu universo, enxergando novas trilhas. Quando estava na 2ª série do Ensino fundamental I, dava aulas a uma menina, que morava perto de minha casa e cursava a mesma série. Também ajudei a alfabetizar uma vizinha. Aos 8 anos já gostava de “dar aulas”; sentia um prazer imenso em contribuir e também em mostrar que era capaz.

A ESCOLHA DA DIREÇÃO

Iniciei o ensino médio matriculada na área de ciências biológicas, pois cursei esse nível de ensino no tempo em que os alunos deveriam escolher seu foco de formação em CB (Ciências Biológicas), CH (Ciências Humanas) e CE (Ciências Exatas). Com o passar dos dias percebi que Ciências Humanas era minha verdadeira paixão e sem pensar duas vezes, mudei de área.

Fiz o vestibular e passei no curso de Pedagogia com muitas expectativas pelo que iria vivenciar. No entanto, a maior parte dos textos trabalhados pelos professores parecia sem nexos, desligados da realidade e terminei por vivenciar uma formação conteudista, no sentido pleno da palavra, sem possibilidades de atrelamento do conteúdo à contextualização e reflexão crítica, com exceção dos trabalhos de alguns poucos professores que já apostavam em práticas diferenciadas para a formação de novos educadores.

Lembro com muito carinho de uma professora de psicologia da Educação, de formação psicanalítica, que centrou seu trabalho no desenvolvimento da teoria Freudiana. Como sempre gostei de psicologia, essa disciplina foi uma das que marcaram minha formação. Contribuiu para a reflexão de processos de construção da personalidade e da aprendizagem humana, alvo de minhas constantes reflexões.

Nossas práticas de estágio foram irrisórias e limitadas à realização de entrevistas e observação de algumas experiências de sala de aula e de gestão, sem oportunidade concreta de intervenção e contribuições. Logicamente que, apesar dos limites encontrados na formação inicial, não posso negar os conhecimentos adquiridos nesse tempo; conhecimentos marcados pela fragmentação e descontextualização, mas que foram úteis para a construção de sínteses que ocorreriam tempos depois.

A entrada na Universidade gera grandes expectativas nos estudantes; expectativa frustrada na maioria das vezes, pois esse espaço, considerando algumas experiências que buscam ser exceção à regra, continua seguindo a lógica da compartimentalização do conhecimento, separando teoria e prática e desconsiderando a complexidade presente na realidade que precisa ser apreendida em seu movimento, com suas amplas conexões. Morin (2002).

Com o desafio em assumir suas incertezas e reconstruir seu olhar sobre a realidade, a universidade ainda precisa trilhar um longo caminho, ainda que este processo já venha acontecendo. Como universitária, sentia-me envolvida nesse movimento contraditório entre as práticas educativas cristalizadas e as tentativas de mudança implementadas no curso de Pedagogia. Na verdade, diante de inúmeras incertezas e com algumas certezas incertas e fragmentadas, sentia-me sedenta por experiências que pudessem fazer com que me sentisse viva, sendo professora, pois

assumi na vida uma profissão que realmente desejava, embora não tivesse clareza das dificuldades que teria ao trilhar esse caminho.

NO EXERCÍCIO DO FAZER, NOVAS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS

No último ano da graduação, por indicação de uma amiga de turma, participei da seleção para professores promovida por uma escola privada de Belém que trabalhava a partir do referencial construtivista. Fui aprovada na seleção. Iniciei o trabalho com brilho nos olhos e muitas ideias. No entanto, logo apareceram as dificuldades naturais de todo processo que envolve seres humanos e suas diferenças.

Fui lotada em uma turma de 1ª série (correspondendo atualmente ao 2º ano do Ensino Fundamental), com 18 alunos matriculados. Inicialmente senti muitas dificuldades na gestão do grupo e no trabalho com os limites junto a algumas crianças. Nessa situação, o apoio recebido na escola foi essencial. Havia no espaço de trabalho um encontro mensal para que os funcionários pudessem se autoavaliar. Todos, em círculo sobre almofadas e a partir de vivências e dinâmicas grupais, falavam de si e de suas práticas; de seus medos, fragilidades e potencialidades com o suporte da psicóloga e dona da escola que não exigia professores prontos e com experiências (muitas vezes cristalizadas), mas pessoas abertas à aprendizagem da profissão; éramos convidados a exercitar a humildade diante do que não sabíamos para a deflagração de novos conhecimentos.

Em uma das primeiras reuniões coloquei minhas dificuldades, expressando toda a angústia sentida. Foi muito difícil admitir o não dar conta. O contato com as obras de Paulo Freire ajudou bastante nesse sentido. Destaco a seguir um trecho que me fez pensar na época: “Uma educadora elitista, autoritária [...], jamais entende a humildade de assumir o medo, a não ser como covardia. Na verdade, a assunção do medo é o começo de sua transformação em coragem” (FREIRE, 1997 p. 67).

Fui acolhida pelo grupo e devidamente orientada sobre como aceitar, enfrentar e finalmente superar meus medos e dificuldades. A escola acreditava na formação enquanto processo a ser desencadeado por um movimento de superação constante. A coordenadora pedagógica da instituição, também amiga e colega de universidade, foi um grande suporte no momento dos desafios.

Passei a ser observadora assídua de como as professoras mais experientes se posicionavam com as crianças, buscando aprender estratégias de linguagem, posturas reflexivas e ideias que poderiam ser desenvolvidas para que pudesse trabalhar com meus alunos nos momentos de direcionamento do grupo, indisciplinas e conflitos.

Nesse processo, o educador desenvolve a autonomia reflexiva do grupo, pois todos são convidados ao posicionamento sobre as problemáticas e encaminhamentos de atividades coletivas, bem como em assumir responsabilidades e traçar acordos (ZABALA, 1998). Esse movimento foi um grande exercício com erros e acertos, onde precisávamos assumir nossas dificuldades e ainda os medos, nossos grandes aliados na busca de superação, pois “assumir o medo e não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de respostas. Assumir o medo é não escondê-lo, somente assim podemos vencê-lo” (FREIRE, 1997, p. 66)

Costumo dizer que essa escola onde iniciei minhas primeiras experiências docentes, foi minha verdadeira universidade. Hoje percebo que nesse ambiente iniciei meu verdadeiro aprendizado sobre a profissão. Precisamos estar abertos ao novo, admitir nossas “incompetências” para a construção das competências. Aprendi a lidar um pouco mais com medos e fantasmas; lidar com as lacunas de minha própria aprendizagem para somente assim, poder contribuir com os outros (crianças, pais...) na construção de seus conhecimentos, na revelação de medos, fantasmas e nas possibilidades de mudança. (FREIRE, 2014)

No trabalho com as crianças tinha um carinho especial pelos conteúdos de Ciências e Língua Portuguesa e analisando com o olhar do presente esse tempo de aprendizado, percebo que, auxiliada por algumas leituras já realizadas, e intuitivamente já concebia a necessidade de ouvir os alunos em suas curiosidades, aproveitando as ideias trazidas e os materiais também, como uma aranha em um vidro com álcool, ou mosquitos capturados durante o recreio. Os desafios surgiam a todo momento e, mesmo com dúvidas, já buscava fazer diferente em meio aos atropelos do cotidiano escolar que também era novidade naquele início de trabalho.

A aula sobre corpo humano com a primeira série também terminou de forma inusitada. Um aluno perguntou se uma galinha por dentro era parecida com o ser humano, pois já tinha visto sua mãe cortar uma galinha. Convidamos então a mãe do aluno para cortar um frango em nossa sala na semana seguinte. O convite foi aceito e nossa aula foi inesquecível com a discussão sobre o corpo das aves e as diferenças em relação aos seres humanos.

Compreendo que, nesse contexto, estava aprendendo a ensinar Ciências e mesmo com limites e incertezas sentia uma atração irresistível pelas ideias das crianças. Nesse aspecto, o estudo das teorias de Piaget e Vygotsky, incentivado pela escola, visava proporcionar, aos poucos, outro olhar sobre como se aprende, desafiando-nos a repensar o trabalho desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento, no entanto, minha ação era mais instintiva do que fruto de um processo verdadeiramente reflexivo. Embora tentasse, ainda era difícil, naquele momento, articular as leituras que fazia com o exercício inicial da docência.

Nesse início de trabalho vivenciei um movimento contraditório e de muita tensão diante do saber e não saber. Atualmente recolho as aprendizagens resultantes dessa tensão que nunca desaparece por completo, mas surge todas as vezes que precisamos vivenciar um novo movimento.

Após cinco anos de trabalho na escola já mencionada, passei a atuar na secretaria de Educação do Município de Belém (SEMEC) como integrante da Equipe técnica da Educação de Jovens e Adultos do Município. Nessa função passei a trabalhar na formação de professores da rede municipal e de alfabetizadores do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-Belém), administrado pela prefeitura de Belém.

Além da formação continuada aos educadores da EJA, nossa equipe técnica assumia a assessoria dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas municipais dessa modalidade de ensino. Esse tempo de atuação, que durou seis anos, também trouxe novas vivências formativas somando significativamente às minhas práticas no trabalho com educadores e alunos das escolas públicas. Os pressupostos de Freire que defendem uma educação popular propulsora da autonomia e do exercício da cidadania contagiaram meu olhar e levaram-me a acreditar mais ainda na possibilidade de mudanças através da educação.

Em minhas atuais reflexões reconheço a importância desse tempo de trabalho com o movimento popular. Desenvolvi certa sensibilidade pelo olhar do outro, pela sua condição, buscando entender o ser humano e suas necessidades de aprender e ser a partir do lugar em que se encontra: lugar físico e lugar do conhecimento. Enxergando meus alunos de hoje lembro-me dessa lição e meus ouvidos ficam mais aguçados para ouvir e compreender a leitura de mundo tecida pelos sujeitos (FREIRE,2000)

Em 2005 deixei meu trabalho na Secretaria de Educação do Município (SEMEC) e ingressei no quadro efetivo dos docentes do Colégio Tenente Rego Barros. Nesse novo movimento de experiências e aprendizagem através da profissão, assumi uma turma de 1ª série (atual 2º ano) do Ensino Fundamental. De início, encontrei algumas dificuldades devido ao número de alunos (25 crianças) e a falta de apoio direto de um estagiário, no entanto, busquei lembrar as lições aprendidas nas experiências anteriormente relatadas. Aos poucos fui ganhando a confiança das crianças e de seus responsáveis, com a ajuda de algumas professoras que atuavam na mesma série. Uma delas, minha grande referência nesse primeiro ano, era uma pessoa acolhedora, disponível. Não obstante manifestar grandes resistências a uma postura mais reflexiva em educação, demonstrava um grande amor pelas crianças e por seu trabalho.

Tal comportamento no início me deixou um pouco confusa; na verdade, ainda tinha a imagem da professora tradicional como retrógrada e desatualizada. Nesse momento fui obrigada a admitir meu preconceito e assumir minhas dificuldades, pois, nesses casos, é mais fácil e óbvio enxergar os “defeitos” nos outros, considerando que mesmo com as experiências já vivenciadas, ainda tinha muitas dificuldades a superar.

Passei a compreender que nem tudo o que achava tradicional precisava ser descartado, mas poderia ser adaptado ou realizado com uma nova consciência e objetivo. Essa professora, colega da nova escola, foi fundamental na continuidade de meu desenvolvimento profissional. Com ela aprendi a ser mais organizada, a trabalhar outros aspectos da disciplina com os alunos e a exercer a amorosidade mesmo quando precisasse ser firme e exigente. Discordava de algumas posturas da educadora e suas concepções sobre o conhecimento e o processo de aprender e ensinar. Nesse contexto aprendi também mais uma lição: somos diferentes e nossas certezas não podem se transformar em arrogância e “raivosidade” a ponto de desrespeitar o diferente e mesmo o que julgamos diferente pode ter muito a nos ensinar (FREIRE, 2014. p. 49).

Dois anos após o ingresso no Colégio Tenente Rego Barros, fui, também, admitida via Concurso público, como pedagoga da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, onde atuei durante 11 anos em brinquedoteca hospitalar com crianças em processo de hospitalização. Nesse espaço o trabalho com o lúdico no exercício da acolhida sensível a crianças carentes e fisicamente debilitadas trouxe novas reflexões sobre o sentir, ouvir e estar no lugar do outro, dando sentido a tudo isso através do brincar. Essa experiência qualificou ainda mais minha atuação docente com meus pequenos alunos e novas contribuições à formação de professores.

E A FORMAÇÃO CONTINUA: NOVOS CAMINHOS TRAÇADOS

A necessidade de superação dos limites encontrados no exercício da docência provoca, quando nos determinamos a não parar pelo caminho, o alçar de novos voos, o descortinar de novos horizontes. Esses momentos sempre surgiam em tempos de desânimo, em que me achava sem forças para continuar trabalhando no que acreditava. O comodismo e a busca pelo menor esforço estiveram presentes em meu caminhar de educadora, pois diante das situações familiares, profissionais e pessoais trazidas pelo tempo, quase esquecia de quem eu era e no que acreditava enquanto profissional. Nesse movimento muitas vezes perguntei a mim mesma: “Por que sou professora?”

Muitas vezes cansava das mesmas e velhas discussões, dos mesmos e exaustivos discursos desafiando-nos a praticar o que ainda não sabíamos, buscando arrancar o chão de nossos pés, sem nos dar o suporte de um novo passo. Nesses momentos, beber em novas fontes para o reabastecimento necessário fazia-se urgente. Refiro-me à oportunidade em realizar a pós-graduação, que me ajudou a virar mais uma página da vida, canalizando as energias para novas perspectivas.

A pós-graduação realizada foi uma especialização em Psicologia da Educação, oferecida em caráter modular pela PUC de Minas Gerais (Programa Denominado PREPES). Os professores do curso expressavam tanto envolvimento, abertura e conhecimento articulado com a realidade, que marcaram a formação de todos os alunos envolvidos no processo.

Hoje compreendo que nesse tempo de formação, consegui realizar importantes sínteses na articulação de conhecimentos envolvendo vários ramos das Ciências Sociais, como a Sociologia, Psicologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia, enxergando suas conexões com o fenômeno educacional. Nesse contexto, tive e ainda hoje tenho a oportunidade de refletir alguns aspectos de minha própria prática. As informações, antes desconectadas, estudadas no tempo da Graduação passaram a fazer sentido, encaixando-se e articulando-se, contribuindo para um novo conhecimento em sua totalidade e complexidade, com suas certezas e incertezas, como nos afirma Morin (2002).

Antes de ingressar no mestrado, fui convidada por uma professora e amiga com quem trabalhei em minha primeira experiência profissional a integrar o corpo docente do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental oferecido em caráter modular por uma universidade privada de Belém. Aceitei o convite e no período de 2010 a 2014 atuei como docente externa da instituição ministrando a disciplina “A Construção dos Conhecimentos Sócio-Naturais”. Em momentos posteriores também assumi a docência em outra universidade particular ministrando disciplinas na Pós-graduação dedicada à Gestão Educacional.

O trabalho como professora na pós-graduação contribuiu para um novo processo de auto avaliação e ampliação de minha atuação docente, no diálogo com as experiências de meus alunos e as ricas discussões que travamos sobre as possibilidades da prática, além de ter influenciado de certa forma a escolha do mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas, cursado no período de 2014 a 2016, na Universidade Federal do Pará (UFPA).

A proposta do mestrado consistia na ação reflexiva do professor sobre sua própria prática em um processo de pesquisa com seus alunos. Para a realização da pesquisa escolhi o trabalho direcionado à construção de conhecimentos

científicos com meus alunos dos anos iniciais. No contexto da pesquisa e reflexão sobre a própria prática, elaborei como dissertação e produto (produção de vídeo) do mestrado reflexões e sugestões significativas que contribuíram grandemente para a formação de professores, experiências partilhadas com meus alunos da Pós-graduação.

No decorrer das aulas do mestrado, fui aprendendo a valorizar minha prática profissional; fui desafiada a produzir pesquisa a partir do que fazia, exatamente do que sentia falta nos processos de seleção para mestrados realizados em momentos anteriores.

Os professores precisam de mais espaço para mostrar seu trabalho. Os conhecimentos construídos a partir da prática precisam ser cada vez mais valorizados e nesses termos a pesquisa docente sobre seu próprio fazer adquire fundamental importância na construção de um conhecimento produzido pelo professor e legitimado por outros educadores e pela própria academia (ZEICHNER, 2002).

Na trajetória profissional vivenciada no Colégio Tenente Rego Barros, além da função de professora, também assumi, durante sete anos, o trabalho como coordenadora Pedagógica, atuando com professores, alunos e família, contribuindo com o processo de Gestão educacional. Esse tempo de experiência trouxe aprendizados incríveis sobre a interação entre família e escola, no acolhimento das diferenças e exercício da escuta sensível e de que maneira a organização da ação pedagógica pode contribuir com o desempenho e formação de nossos alunos. Em nosso colégio, mesmo diante das dificuldades encontradas, venho buscando dar mais sentido ao meu trabalho, no diálogo com a gestão e outros professores que também vem buscando melhorar a cada dia sua prática.

As memórias aqui relatadas, algumas mais distantes e outras nem tanto, buscam expressar as aprendizagens construídas no percurso da vida, da formação e do exercício da profissão; histórias que marcaram (e marcam) minhas escolhas no decorrer da docência e contribuíram decisivamente para a construção de quem sou hoje e de minhas perspectivas para a continuidade de um processo que está sempre em construção.

